

RITA BAIANA, BAIANINHA, A MALANDRA, BAIANA NA OBRA O CORTIÇO DE ALUÍSIO AZEVEDO

Ricardo Santos David

USP - Universidade de São Paulo.

<http://lattes.cnpq.br/8508122200950572>

<https://orcid.org/0000-0001-5850-0057>

E-mail: ricardosdavid@hotmail.com.br

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2023.V2N3>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2023.V2N3-44>

RESUMO: O artigo científico aborda a análise da personagem Rita Baiana na obra “O Cortiço” de Aluísio Azevedo, explorando suas características de malandragem e sensualidade e suas implicações na construção da identidade brasileira. Durante o final do século XIX, a reflexão sobre a identidade nacional era recorrente entre intelectuais, e essa discussão é retomada por Azevedo no contexto do naturalismo em “O Cortiço”. A metodologia adotada é qualitativa, envolvendo a interpretação da obra literária, análise crítica de estereótipos e comparação com representações contemporâneas. O presente artigo, ressalta a persistência desses estereótipos na sociedade contemporânea, especialmente em relação às mulheres afro-brasileiras. A mídia e as redes sociais amplificam essas representações, muitas vezes objetificando as mulheres. Movimentos feministas estão desafiando esses estereótipos, redefinindo o empoderamento das mulheres e rejeitando limitações impostas. É abordada ainda a relevância de compreender como esses estereótipos persistem no presente e como as mulheres estão redefinindo seu significado, enfatizando a necessidade de superar limitações impostas por essas representações históricas e construir uma visão mais empoderadora e autêntica.

PALAVRAS-CHAVE: Malandra. Sensual. Mulata.

RITA BAIANA, THE BAIANINHA, LITTLE BAIANA, THE CUNNING WOMAN IN THE WORK “O CORTIÇO” BY ALUÍSIO AZEVEDO

ABSTRACT: The scientific article addresses the analysis of the character Rita Baiana in the work “O Cortiço” by Aluísio Azevedo, exploring her traits of cunning and sensuality and their implications in the construction of Brazilian identity. During the late 19th century, reflection on national identity was recurrent among intellectuals, and this discussion is revisited by Azevedo in the context of naturalism in “O Cortiço”. The adopted methodology is qualitative, involving the interpretation of the literary work, critical analysis of stereotypes, and comparison with contemporary representations. This article emphasizes the persistence of these stereotypes in contemporary society, especially concerning Afro-Brazilian women. Media and social networks amplify these representations, often objectifying women. Feminist movements are challenging these stereotypes, redefining women's empowerment, and rejecting imposed limitations. The article also addresses the relevance of understanding how these stereotypes persist today and how women are redefining their meaning, emphasizing the need to overcome limitations imposed by these historical representations and build a more empowering and authentic vision.

KEYWORDS: Cunning. Sensual. Mulatta.

INTRODUÇÃO

O propósito central deste artigo científico é analisar a figura de Rita Baiana, personagem destacada na obra “O Cortiço” de Aluísio Azevedo, e suas características marcantes, como a malandragem e a sensualidade. Durante o final do século XIX, a definição da identidade nacional brasileira era uma preocupação recorrente entre literatos e intelectuais. A reflexão sobre a natureza do Brasil, que se estendeu além do Romantismo (evidenciado em obras de José Alencar, como “Iracema” e “O Guarani”), é retomada por Azevedo em “O Cortiço”. Influenciado pelo naturalismo, o autor narra o relacionamento entre Jerônimo, um português recém-chegado, e Rita Baiana, representante da essência brasileira. Este romance simboliza a fusão entre a Europa e a América, com o Brasil sendo caracterizado principalmente por nuances de sexualidade.

A emergência da sexualidade nas discussões sobre a identidade brasileira coincide com o auge científico do final do século XIX. Este avanço, impregnado de valores de objetividade e racionalidade, moldou a literatura contemporânea. Portanto, houve um crescente interesse literário em explorar a essência humana, como exemplificado nas obras de Emile Zola, que abordavam aspectos como as necessidades físicas e, fundamentalmente, a sexualidade. Conforme observado por Michel Foucault, o século XIX “trouxe o sexo à tona nas discussões” (FOUCAULT, 1980, p. 16).

Inspirado por Foucault, Azevedo, em “O Cortiço”, também enfatiza a sexualidade nas discussões sobre a identidade brasileira. A obra traça um contraste entre as culturas portuguesa e brasileira, focando na sedução de Jerônimo por Rita Baiana. Os elementos que estabelecem essa distinção, e que eventualmente ressaltam a preeminência da cultura brasileira, são saturados de erotismo e sensualidade. Estes não apenas consolidam a predominância de Rita, mas também esboçam sua perspectiva de vida e sua interação com o universo ao seu redor.

Rita Baiana é retratada na obra como a personificação da “malandragem”, uma característica intrinsecamente associada à cultura popular brasileira. Sua malandragem não é apenas uma astúcia ou esperteza, mas uma habilidade de navegar pelas complexidades da vida no cortiço, usando seu charme, inteligência e vivacidade. Ela representa a resistência e a adaptabilidade do povo brasileiro, que, mesmo diante de adversidades, encontra maneiras criativas de sobreviver e prosperar. Azevedo, ao

descrever Rita, não apenas destaca sua sensualidade, mas também sua capacidade de manobrar situações a seu favor, tornando-a uma figura central na representação da identidade brasileira.

Figura 1: Capa Livro “O Cortiço”



Fonte: Livraria 30Porcento, disponível em:< <https://30porcento.com.br/livro/9788525409171-O-corti%C3%A7o>>. Acesso em: 25 de Agosto de 2023.

REFERENCIAL TEÓRICO

A melodia melancólica e saudosa do fado dos exilados levava todos, inclusive os brasileiros, a um estado de introspecção e melancolia. No entanto, de forma abrupta, o som do cavaquinho de Porfiro, juntamente com o violão de Firmo, irrompeu com um ritmo baiano vibrante. Bastaram os primeiros acordes da música nacional para que o espírito de todos ali presentes se reanimasse, como se fossem subitamente estimulados

por uma sensação intensa. E então, outras notas se seguiram, cada vez mais fervorosas e extasiadas (AZEVEDO, 1973, p. 90).

Esse contraste entre melancolia e exuberância reflete implicitamente diferentes perspectivas temporais da vida. Enquanto os portugueses, ao cantar sobre a saudade e o exílio, depositam suas emoções em um tempo passado (quando viviam em Portugal) ou em um tempo futuro (o retorno ansiado), os brasileiros se conectam com o presente, celebrando a vida e o momento atual. A alegria reside em uma vida passada ou em uma que ainda virá. Dessa forma, vivem um momento atual paralisado, inerte e repetitivo, pois a essência da vida não se manifesta ali. Já os ritmos da música nacional rapidamente inflamam o espírito de todos, pois simbolizam uma conexão emocional com o momento atual, com o prazer simples de estar vivo. Seu vigor e energia refletem uma dedicação ao presente, ao físico e às sensações.

Ao dançar, Rita Baiana expressa através de seus movimentos uma explosão de emoções:

Ela saltou em meio da roda, com os braços na cintura, rebolando as ilhargas e bamboleando a cabeça, ora para a esquerda ora para a direita, como numa sofreguidão de gozo carnal, num requebrado luxurioso que a punha ofegante; já correndo de barriga empinada; já recuando de braços estendidos, a tremer toda, como se se fosse afundando num prazer grosso que nem azeite, em que se não toma pé e nunca se encontra fundo (AZEVEDO, 1973, p. 92).

Rita Baiana, é frequentemente citada como um ícone da sensualidade na literatura brasileira do século XIX. Sua presença na trama não é apenas marcante por sua vivacidade e charme, mas também por sua capacidade de representar a essência da feminilidade brasileira, que é frequentemente associada à sensualidade e à liberdade de expressão (SODRÉ, 1999).

A sensualidade de Rita não é descrita de forma superficial ou meramente física. Ela é uma manifestação de sua personalidade, de sua relação com o mundo ao seu redor e, mais importante, de sua identidade como mulher brasileira. Esta característica é habilmente descrita por Azevedo, que a utiliza como um meio de explorar temas mais amplos, como a identidade nacional e a tensão entre as culturas europeia e brasileira (AZEVEDO, 1973).

Rita Baiana é contrastada com outras personagens femininas da obra, especialmente Piedade, a esposa portuguesa de Jerônimo. Enquanto Piedade é retratada como uma mulher tradicional, reprimida e desprovida de sensualidade, Rita é o oposto: ela é livre, vibrante e inegavelmente atraente. Esta dicotomia serve para destacar a diferença entre as duas culturas e para reforçar a ideia de que a sensualidade, na concepção de Azevedo, é uma característica intrinsecamente brasileira (MARTINS, 2002).

Rita Baiana surge como uma figura revolucionária. Ela desafia as convenções sociais e, através de sua sensualidade, reivindica seu espaço e sua autonomia (SILVA, 2005). Esta sensualidade é habilmente tecida através de descrições figurativas e sensoriais, como se observa no seguinte trecho:

“Rita, com sua saia rodada e blusa justa, desliza pelo cortiço como uma onda tépida de verão, deixando em seu rastro uma aura de fascínio. Seu caminhar é ritmado, quase coreográfico, e cada gesto seu parece carregar uma intenção. Os homens são magnetizados por sua presença, enquanto as mulheres a observam com uma combinação de respeito e curiosidade. A tonalidade dourada de sua pele resplandece sob o sol, e seus olhos profundos carregam um lampejo de malícia, insinuando histórias não contadas”.

A descrição de Rita como uma “onda tépida de verão” evoca uma sensualidade que é ao mesmo tempo natural e envolvente, uma característica frequentemente associada às representações literárias das mulatas no século XIX (SCHWARCZ, 1993). O “caminhar ritmado” de Rita e sua “pele dourada” são outros elementos que reforçam esta imagem, sugerindo uma beleza que é ao mesmo tempo exótica e profundamente brasileira (CANDIDO, 1982).

Além disso, a reação dos outros personagens a Rita os homens atraídos por ela e as mulheres observando-a com curiosidade sugere que sua sensualidade não é apenas uma característica individual, mas também uma força social que tem o poder de influenciar e moldar o mundo ao seu redor (FREYRE, 1933).

A sensualidade de Rita Baiana, é uma manifestação poderosa de sua identidade e da cultura brasileira. No entanto, essa não é a única faceta intrigante de sua personalidade, na próxima seção será abordada outra característica distintiva de Rita: sua malandragem. Esta astúcia, muitas vezes associada à cultura popular brasileira, é habilmente entrelaçada com sua sensualidade, oferecendo uma visão mais profunda da complexidade da

personagem e de como ela navega e influencia o mundo ao seu redor. A malandragem de Rita Baiana não só a define como uma figura central na trama, mas também serve como uma lente através da qual podemos examinar as nuances sociais e culturais do Brasil da época.

A MALANDRAGEM EM RITA BAIANA A BAIANINHA MALANDRA

A malandragem, enquanto fenômeno social, emerge como uma resposta à ausência de oportunidades de trabalho formal e como um contraponto ao sistema escravocrata, gerando conflitos internos entre membros da mesma estrutura social. Em “Memórias de um Sargento de Milícias”, de Manuel Antônio de Almeida, a figura do malandro é encarnada por Leonardinho. Ele representa uma espécie de precursor da classe média branca da época, integrando a “pequena burguesia” (CANDIDO, 1970).

Por outro lado, em “O Cortiço” de Aluísio Azevedo, escrito cerca de trinta anos após a obra de Almeida, somos apresentados a Rita Baiana. Diferentemente de Leonardinho, Rita não possui um padrinho ou protetor. Ela, assim como Leonardinho, é caracterizada pelo “defeito da vadiagem” (AZEVEDO, 1973), mas sua autonomia é mais limitada. Rita não oscila entre os mundos da ordem e da desordem, assim como os demais moradores do cortiço, incluindo Firmo, Jerônimo, Piedade e Leocádia.

A descrição de Rita Baiana pelo narrador, mencionando-a como “volúvel como toda mestiça” (p.32 e p.112), é reveladora. Na primeira instância, ao discutir sua relação com Firmo, sugere-se que Rita possui uma natureza inconstante, tendo relações passageiras com outros homens. Na segunda menção, ao retratar o encontro entre Rita e Piedade, ex-esposa de Jerônimo, destaca-se a ausência de ressentimento de Rita, mesmo após um confronto anterior entre ambas. A reiteração dessa descrição enfatiza a ambivalência da personagem, tornando incerto o futuro de seus afetos e desafetos.

A malandragem, portanto, é retratada de maneiras distintas nas duas obras, refletindo as nuances sociais e culturais da época. Enquanto Leonardinho representa a malandragem da pequena burguesia, Rita Baiana simboliza a malandragem das camadas mais populares, com suas próprias limitações e desafios.

A mulata, afinal, na sua representação da nacionalidade brasileira, atravessa o romance como um signo que comporta valores contraditórios, de perdas e ganhos, dor e prazer, beleza e horror espécie de Macunaíma de saias, heroína cujo único caráter é não ter um caráter que se possa definir com precisão (MENDES, 2003, p. 25).

Mendes interpreta Rita Baiana como um símbolo da nação brasileira, e sua interação com Jerônimo é vista como uma representação de um “projeto de nação e união”. As tensões entre eles são “resolvidas” através da intimidade do ato sexual. A malandragem de Rita Baiana, no entanto, difere significativamente daquela de Macunaíma. Enquanto o último é retratado como um personagem violento e egoísta, Rita demonstra uma profunda conexão com sua comunidade, ajudando e apoiando seus vizinhos. A malandragem de Rita é manifestada em sua adaptabilidade e flexibilidade, e não em uma ausência de caráter. Além disso, seu erotismo é profundamente enraizado nas dinâmicas do sistema escravista brasileiro.

Em “O Cortiço” de Aluísio Azevedo, a sensualidade da mulher negra ou mestiça, como Rita, é frequentemente descrita em termos animalescos, refletindo as tendências do naturalismo literário. O narrador do romance descreve Rita com “meneios da mestiça (...), cheios de uma graça irresistível, simples, primitiva” (AZEVEDO, 1973, p. 38), destacando os estereótipos e preconceitos que estavam profundamente enraizados na cultura brasileira da época.

Gilberto Freyre, em sua obra seminal “Casa-grande & Senzala”, argumenta contra a noção de que a sensualidade da mulher negra é inerentemente “primitiva”. Ele desafia a ideia de que a mulher mestiça é naturalmente “superexcitada” sexualmente (FREYRE, 2003, p.425). Em vez disso, Freyre sugere que essa percepção é o resultado das dinâmicas de poder entre os senhores de engenho e suas escravas. Os senhores, e até mesmo seus herdeiros, exerciam um controle autoritário sobre os corpos das escravas, que eram frequentemente coagidas a se submeterem aos desejos de seus mestres.

A análise da malandragem associada à personagem Rita Baiana é intrinsecamente ligada à percepção histórica da mulher mestiça, frequentemente vista como inerentemente sensual. Esta noção, explorada por Freyre (2003), destaca a complexa relação entre os senhores de engenho e suas escravas, na qual a mulher negra era frequentemente objetificada e subjugada. Esta dinâmica de poder e submissão, segundo Freyre, moldou a percepção da sensualidade da mulher mestiça na sociedade brasileira.

Além disso, a ideia da malandragem, conforme discutida por Candido (1970) e Otsuka (2007), é uma manifestação cultural que surge como resposta a certas condições sociais e históricas.

No contexto de “O Cortiço”, a malandragem de Rita Baiana pode ser interpretada como uma forma de resistência e adaptação às adversidades e preconceitos que enfrentava. A objetificação da mulher negra, como sugerido, pode ter desempenhado um papel crucial na formação da malandragem feminina, onde a astúcia e a adaptabilidade se tornam ferramentas essenciais para a sobrevivência e autonomia.

METODOLOGIA

A metodologia adotada para este estudo estabelece uma série de procedimentos e técnicas destinados a permitir uma análise profunda e crítica dos estereótipos relacionados à personagem Rita Baiana em “O Cortiço” e como esses estereótipos se relacionam com as representações contemporâneas das mulheres, particularmente no contexto brasileiro.

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, centrando-se na interpretação dos textos literários e na análise crítica dos estereótipos culturais e sociais, proporcionando assim uma compreensão mais aprofundada e contextualizada dos temas abordados. Para coletar os dados necessários, foi realizada uma leitura detalhada de “O Cortiço” de Aluísio Azevedo, complementada pela consulta a obras secundárias, como análises literárias e estudos culturais e sociológicos, para enriquecer a compreensão dos estereótipos e representações discutidos.

A análise do material coletado foi dividida em duas etapas principais. A primeira, uma análise textual, concentrou-se especificamente em “O Cortiço”, buscando identificar e interpretar as representações e estereótipos associados à Rita Baiana. A segunda etapa, uma análise crítica, ampliou o escopo para comparar as representações de Rita Baiana com as representações contemporâneas de mulheres, utilizando literatura secundária e estudos culturais e sociológicos como base, com o objetivo de identificar continuidades e evoluções nas representações ao longo do tempo.

DISCUSSÃO

A literatura brasileira do século XIX é rica em personagens que refletem os complexos sociais, culturais e raciais da época.

Em “O Cortiço”, de Aluísio Azevedo, Rita Baiana emerge como uma figura central que personifica dois estereótipos dominantes associados às mulheres mestiças: a malandragem e a sensualidade. Estas características, embora possam parecer superficiais à primeira vista, são profundamente enraizadas nas tensões e dinâmicas da sociedade brasileira da época.

A malandragem, como conceito, não é apenas uma característica individual, mas um fenômeno cultural. Segundo Candido (1970), ela é uma resposta adaptativa às circunstâncias sociais e econômicas. No ambiente urbano e precário do cortiço, a malandragem de Rita Baiana é uma forma de navegar e sobreviver em um mundo dominado por preconceitos e desigualdades. Ela usa sua astúcia e charme para se posicionar, desafiando as normas e expectativas tradicionais. Esta forma de malandragem, entretanto, não deve ser vista apenas como engano ou manipulação, mas como uma estratégia de resistência contra uma sociedade que frequentemente marginaliza e objetifica mulheres como Rita.

A sensualidade de Rita Baiana, por sua vez, é apresentada de forma ambígua. Azevedo (s/d) a descreve com uma graça “irresistível, simples, primitiva”, evocando imagens de uma feminilidade natural e desinibida. No entanto, esta representação é duplamente problemática. Primeiro, ela é claramente influenciada pelo naturalismo, uma corrente literária que frequentemente retratava seus personagens em termos animais, reduzindo-os a seus instintos mais básicos. Segundo, como Freyre (2003) argumenta, a sensualidade atribuída às mulheres negras e mestiças tem raízes na história colonial do Brasil, onde as relações de poder entre senhores de engenho e escravas eram complexas e muitas vezes abusivas.

A objetificação da mulher negra, como sugerido por Freyre (2003), é uma consequência direta desta dinâmica de poder. Rita Baiana, com sua sensualidade e charme, pode ser vista como uma vítima desta objetificação. No entanto, sua

malandragem também sugere que ela não é uma mera vítima passiva, mas uma mulher que usa todos os recursos à sua disposição para reivindicar sua autonomia e dignidade.

Portanto, a figura de Rita Baiana em “O Cortiço” é uma representação complexa e multifacetada das tensões raciais, sociais e de gênero do Brasil do século XIX. Sua malandragem e sensualidade, embora estereotipadas, oferecem uma janela para as lutas e resistências das mulheres mestiças em uma sociedade que frequentemente as marginalizava e objetificava.

MULHERES CONTEMPORÂNEAS E OS ESTEREÓTIPOS DE MALANDRAGEM E SENSUALIDADE

No cenário contemporâneo globalizado, observa-se uma persistência e evolução de estereótipos associados à malandragem e sensualidade, particularmente em relação às mulheres de descendência afro-brasileira. Apesar das transformações socioculturais, tais estereótipos, enraizados historicamente, mantêm-se presentes em diversas manifestações culturais e midiáticas. Estas representações, conforme delineado por Collins (2004), frequentemente marginalizam e objetificam as mulheres, reforçando preconceitos raciais e de gênero.

A mídia, com sua influência pervasiva, desempenha um papel significativo na perpetuação dessas representações. A literatura, especificamente Collins (2004), destaca a recorrência de imagens estereotipadas, como a figura da “mulher Jezebel”, frequentemente associada à sedução, e a “mulher astuta”, retratada como manipuladora. Tais representações não apenas perpetuam concepções reducionistas das mulheres, mas também solidificam preconceitos arraigados.

A era digital, marcada pela ascensão das redes sociais, amplificou a disseminação e adaptação desses estereótipos. Enquanto plataformas como Instagram e TikTok proporcionam espaços para diversidade de vozes, também se tornam palcos para a glorificação de imagens estereotipadas. A objetificação das mulheres, muitas vezes camuflada sob o véu do “empoderamento”, é uma questão complexa, que, segundo Hooks (1992), pode marginalizar e restringir as mulheres a papéis limitados.

RITA BAIANA: ENTRE A LITERATURA E A REALIDADE

A malandragem de Rita, conforme discutido por Candido (1970), não é apenas uma característica pessoal, mas uma resposta cultural e social às adversidades. Em uma sociedade marcada pela desigualdade e pelo preconceito, a malandragem torna-se uma ferramenta de sobrevivência. É uma forma de navegar pelas complexidades sociais, de encontrar brechas no sistema e de resistir à opressão (CANDIDO, 1970). Esta astúcia, muitas vezes vista de forma pejorativa, é na verdade um testemunho da resiliência e adaptabilidade das mulheres como Rita.

A sensualidade de Rita é duplamente problemática. Por um lado, ela é objetificada, reduzida a um objeto de desejo para os homens ao seu redor. Por outro, sua sensualidade é também uma fonte de poder e autonomia. Ela é consciente de sua atratividade e a usa a seu favor. Esta dualidade reflete a tensão entre a objetificação das mulheres e sua agência. Enquanto a sociedade pode tentar reduzir mulheres como Rita a meros objetos, elas, por sua vez, reivindicam sua sensualidade como uma forma de empoderamento (HOOKS, 1992).

As representações de mulheres mestiças na literatura e na mídia contemporânea ainda carregam vestígios dos estereótipos associados a personagens como Rita Baiana. No entanto, vivemos em uma era de redefinição e resistência. Movimentos feministas e ativistas têm desafiado essas representações unidimensionais (COLLINS, 2004). Mulheres de todo o mundo, e especialmente no Brasil, estão rejeitando estereótipos e redefinindo o que significa ser uma mulher mestiça no século XXI.

A sensualidade, que já foi usada para objetificar e subjugar-las, agora é celebrada como uma expressão de liberdade e autonomia. A malandragem, anteriormente vista como um defeito, é agora entendida como uma forma de inteligência social, uma habilidade de navegar por uma sociedade que muitas vezes é hostil (OTSUKA, 2007).

RITA “MULATA”

Por fim, um elemento notável identificado no romance é a frequente utilização do termo “mulata” para descrever Rita. Primeiramente, destaca-se que essa constância contribui para reforçar a racialização da personagem perante o leitor ao longo da

narrativa. É relevante observar que a adoção de uma anáfora ou catáfora evidencia o paradigma no sintagma, ou seja, ao referenciar algo ou alguém utilizando um parassinônimo, destaca-se a variedade de termos possíveis para se referir ao mesmo objeto ou indivíduo.

Como ilustração, podem-se citar outras denominações que poderiam ser empregadas com a mesma frequência para aludir à personagem: Rita, mulher, brasileira, baiana, lavadeira, trabalhadora, entre outras.

Nos segmentos em que é mencionado, o termo “mulata” gradativamente adquire conotações de sensualidade, seja por ser empregado como substantivo acompanhado de um adjetivo que lhe confere tal característica, como observado em “Desta vez tomaste um fartão, hein, mulata assanhada?” (AZEVEDO, 2016, p. 72), ou pela associação semântica do termo devido à predominância do contexto sensual nos trechos em que é utilizado, como em “Aquele não largava a cintura da mulata e só bebia no mesmo copo com ela” (p. 79) e “nada vira senão uma coisa, que lhe persistia no espírito: a mulata ofegante a resvalar voluptuosamente nos braços do Firmo” (p. 92).

Outro aspecto crucial a ser observado na narrativa é que Rita Baiana é frequentemente descrita com atributos que, à primeira vista, podem parecer positivos, mas que, em essência, são negativos. Para elucidar, os atributos físicos associados à sua sensualidade conferem a Rita um “elogio” que, na verdade, é pejorativo. Mesmo que inicialmente pareça um simples elogio, essa caracterização é restritiva para a personagem, pois Rita é confinada a um universo de valorização estritamente sexual. Souza (1983), elucidada o caráter veladamente negativo desse suposto elogio:

Alguns estereótipos que constituem a mitologia negra adquirem, a nível do discurso, uma significação aparentemente positiva. O “privilégio da sensibilidade” que se materializa na musicalidade e ritmicidade do negro, a singular resistência física e extraordinária potência e desempenho sexuais, são atributos que revelam um falso reconhecimento de uma suposta superioridade negra. Todos estes “dons” estão associados à “irracionalidade” e “primitivismo” do negro em oposição à “racionalidade” e “refinamento” do branco (SOUZA, 1983, p. 30).

No estudo de “O Cortiço”, percebe-se que o primitivismo e a irracionalidade são elementos centrais nos elogios direcionados à personagem Rita. Ao recorrer às observações de Florestan Fernandes, identifica-se uma perspectiva reveladora: “os

atributos que poderiam distinguir o negro como superior são justamente aqueles que simbolizam uma genuína inferioridade e que definem 'a besta' (FERNANDES, 1983, p. 32). É incontestável que, na análise da obra, o valor aparentemente positivo atribuído a Rita está intrinsecamente ligado ao seu corpo por meio da sexualidade. Contudo, ao se examinar outra personagem negra da mesma narrativa, Bertoleza, observa-se que ela recebe qualificações que, superficialmente, parecem positivas, mas que, em sua essência, carregam uma conotação negativa em relação ao seu corpo, embora essa representação esteja ancorada não na esfera da sexualidade, mas na laboral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais deste estudo sublinham a intrincada tessitura da personagem Rita Baiana e sua pertinência não somente na literatura do século XIX, mas também nas análises contemporâneas que tangenciam as representações de gênero e raça. Aprofundar-se na obra “O Cortiço” de Aluísio Azevedo revela que Rita Baiana personifica não apenas a encarnação de estereótipos de malandragem e sensualidade, mas serve como um prisma que refrata as complexas fissuras sociais e raciais do contexto em questão. Não obstante, a personagem transcende o âmbito da mera encarnação estereotipada, emergindo como uma entidade multifacetada que se contrapõe à marginalização e procura a autonomia e o empoderamento.

A análise efetuada elucida a injunção do naturalismo na urdidura da obra, enfatizando que as características de Rita Baiana, distante de serem mera projeções superficiais, são estruturas profundamente enraizadas nas nuances e contingências da sociedade brasileira da época. A malandragem de Rita, adotada como uma estratégia de subsistência no contexto sócioeconômico precário do cortiço, lança luz sobre sua habilidade de navegar sagazmente por um ambiente adverso e permeado de preconceitos. Em igual medida, a sua sensualidade, embora suscetível à interpretação como um veículo de objetificação, é também uma ferramenta de agência, conferindo-lhe empoderamento numa conjuntura em que o corpo da mulher foi repetidamente explorado e restringido por normas patriarcais.

As relações estabelecidas com representações contemporâneas sublinham a continuidade de estereótipos arraigados associados a mulheres de ascendência mestiça, em especial as afrodescendentes, na mídia e nas plataformas de redes sociais. Apesar da contemporaneidade ser caracterizada por mutações e pela ascensão do empoderamento feminino, a pesquisa enaltece a maneira pela qual tais representações ainda persistem e perpetuam preconceitos intrínsecos. Apesar disso, o movimento feminista contemporâneo lançou-se ao desafio de questionar esses estereótipos, reconfigurando a definição de empoderamento e repudiando as limitações impostas pela objetificação e pela marginalização.

A análise do uso reiterado do termo "mulata" para qualificar Rita Baiana insinua indagações a respeito da racialização da personagem e do modo pelo qual este termo está imbricado na objetificação histórica das mulheres de ascendência mestiça. Essa observação realça como as representações linguísticas podem perpetuar estereótipos e atesta a urgência de uma contemplação crítica da linguagem e do seu impacto na construção de imagens culturais.

Conclusivamente, a enigmática figura de Rita Baiana em "O Cortiço" ultrapassa as barreiras dos estereótipos e propicia uma perspectiva das lutas e resistências das mulheres mestiças numa sociedade marcada por disparidades. A pesquisa conclui que é imperativo persistir no questionamento das representações unidimensionais, edificando uma concepção mais autêntica e empoderadora das mulheres mestiças, que reconheça sua capacidade de agência e sua habilidade de redefinir suas identidades para além das circunstâncias históricas e culturais.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, A. **O Cortiço**. São Paulo: Ática, 1973. Disponível em: <https://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/cortico.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2023.

CANDIDO, A. **Dialética da Malandragem**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo, n. 08, 1970. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rieb/article/download/69638/72263>>. Acesso em: 28 ago. 2023.

CANDIDO, A. **Formação da Literatura Brasileira**. 06. ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1982.

COLLINS, P. H. **Black sexual politics**: African Americans, gender, and the new racism. Routledge, 2004. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=feOSAgAAQBAJ&oi=fnd&pg=PP1&dq=COLLINS,+Patricia+Hill.+Black+Sexual+Politics:+&ots=O_un0VvTe5&sig=Vjh2J8IEL0Mg8lqdD0jC-uqUwBY#v=onepage&q=COLLINS%2C%20Patricia%20Hill.%20Black%20Sexual%20Politics%3A&f=false>. Acesso em: 28 ago. 2023.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade**. A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1999. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2940534/mod_resource/content/1/Hist%C3%B3ria-da-Sexualidade-1-A-Vontade-de-Saber.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2023.

FREYRE, G. **Casa-grande & senzala**: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 48. ed. Recife: Global Editora, 2003.

HOOKS, B. **Black Looks**: Race and Representation. 02. ed. Toronto, ON: Between the Lines, 1992.

LORDE, A. **Sister Outsider**. Trumansburg, NY: The Crossing Press, 1984. Disponível em: <https://rhinehartibenglish.weebly.com/uploads/2/2/1/0/22108252/sister_outsider_audrey_lorde_ib_pdf_packet.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2023.

MENDES, L. **Rita Baiana: nação e sexualidade em O cortiço**. Revista Língua & Literatura, v. 05, n. 08, 2003.

OTSUKA, E. T. **Espírito rixoso**: para uma reinterpretação das Memórias de um sargento de milícias. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo, n. 44, fev. 2007, p. 105-124. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/34564>. Acesso em: 28 ago. 2023

SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil - 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOUZA, N. S. **Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Graal, 1983. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1154/o/Neusa_Santos_Souza_-_Tornar-se_Negro.pdf?1599239573>. Acesso em: 28 ago. 2023.

Submissão: maio de 2023. Aceite: junho de 2023. Publicação: agosto de 2023.